

## Imaginário Japonês – Provérbios e Animais

Chie Hirose

M.Sc. Antropologia - Univ. Hiroshima

**Resumo:** Presentes em todas as culturas, os provérbios e expressões idiomáticas, frequentemente expressam-se com metáforas do comportamento animal. O artigo apresenta uma amostra de expressões japonesas nesse sentido. Ao final, uma consideração especial sobre algo típico do repertório nipônico: o *mushi*

**Palavras-chave:** Provérbios japoneses. Animais e Expressões Idiomáticas. *Mushi*

**Abstract:** In every culture, there are proverbs and idioms involving animals and animal behaviour. This paper presents a sample of proverbs and idioms with this reference, especially some expressions dedicated to *mushi*

**Keywords:** Japanese proverbs. Animals and Idioms. *Mushi*

A recente publicação no Brasil do livro de Ari Riboldi, *O Bode Expiatório*<sup>1</sup>, convida-nos a fazer exploração semelhante nos provérbios e expressões japonesas<sup>2</sup>.

É do interesse do antropólogo, do sociólogo e do filósofo o que se diz dos animais, porque, evidentemente, as fábulas e provérbios *não* se referem a animais, mas ao homem. Já Horácio advertia “*De te fabula narratur*” (*Satirae* 1.1.69), ajuntando o significativo “*Quid rides?*” – Por que ris? A fábula fala de você...

Para o caso da fábula, Ibn Al-Muqaffa’, autor da versão árabe do clássico *Kalila e Dimna*, em meados do século VIII, dizia em seu prefácio:

Este é o livro de *Kalila e Dimna*, feito pelos sábios da Índia. Sua apresentação, em forma de parábolas e diálogos, deve-se ao fato de que eles consideravam tais gêneros como o ápice da eloquência literária. Assim, os mais belos ditos foram reproduzidos por meio da fala dos passáros e das feras. O primeiro objetivo desses sábios foi o de poder tratar de assuntos políticos com liberdade, sem o temor de serem condenados pelos governantes...<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Riboldi, A. *O Bode Expiatório – origem de palavras, expressões e ditados populares com nomes de animais*, Porto Alegre, Age, 2007.

<sup>2</sup> Seguiremos principalmente as seguintes obras: Goshi, M & Garrison, J. *Animal Idioms (ed. bil.)*, Tokyo, N. York, London, Kodansha, 1996. A dissertação de mestrado de Tomimatsu, Maria Fusako *Os provérbios japoneses – considerações sobre o Iroha-Garuta*, São Paulo, DLO-FFLCHUSP, 2003. Macmillan ed. *Niti-Tyu-Ei-Gengobunka Jiten*, Tokyo: Ed. Macmillan Language House, 2000. Murayama, Makoto. *Kotowaza, Kanyoku, Omoshiro Jiten*, Tokyo: Ed. Saera shobou, 1986. Nagaoka, Shoten. *Ditsuyou Kotowaza Shoujisho*, Tokyo: Ed. Nagaoka Shoten. 1981 (1ªed.) 1992

<sup>3</sup> Apud Nasr, H. I. “Sobre Kalila e Dimna”, *Revista de Estudos Árabes*, CEAr FFLCH-USP, N. 4, 1994, pp. 9-10.

Esse caráter indireto, eufemístico, está presente também em provérbios, como nos sugere o agudo provérbio (ou, conforme a interpretação, meta-provérbio) árabe: “Bate no cão, tua noiva entenderá”; no qual “bater no cão” pode ser entendido também como apresentar as verdades em enunciados proverbiais...

Assim, também nos provérbios e expressões, é frequentemente ao homem que nos referimos. Como quando dizemos: “macaco velho”, “raposa política”, “Fulano roeu a corda”, “burro de carga”, “o técnico foi contratado como boi de piranha” etc. Em outras situações, simplesmente a referência aos animais é esclarecedora e boa metáfora para a vida econômica, política etc.: “a vaca foi para o brejo”, “a hora da onça beber água”, “nem que a vaca tussa”.



Evidentemente, a cultura nipônica, com suas especificidades, não é exceção e o refinado senso japonês de observação da natureza, oferece-nos um bom termo de comparação neste campo, tanto no que diz respeito às coincidências quanto nas divergências.

Falando da tradição oriental e árabe e do papel das fábulas e provérbios, e como estudiosa e colecionadora de fábulas de diversos países, não resisto à tentação de apresentar - em Anexo - a meta-fábula de nosso Malba Tahan, uma fábula sobre a fábula.

Apresentaremos, a seguir, uma pequena amostra de provérbios e expressões japonesas, somente a título de sugestão para outras pesquisas. Em um primeiro momento, trabalharemos com provérbios contemplados na citada dissertação de Tomimatsu. Ao final, destacaremos a sugestiva presença do *mushi* em expressões da língua japonesa.

Para expressar que “desgraça nunca vem só”, o japonês diz:

*Naku tsura-o hachi-ga sasu*

*O marimbondo ferroa o rosto chorão.*

Curiosamente, o marimbondo parece preferir quem já está chorando...

Para indicar que é pela natureza que se age (“o lobo perde o pelo mas não perde o vezo” ou o recolhido por Guimarães Rosa “sapo não pula por boniteza, pula por precisão”), o provérbio é:

*Suzume hyaku-made odori wasurezu*

*Um pardal não esquece a dança até os cem anos.*

Para expressar ações não só inúteis, mas que alimentam o que se quer combater (“querer matar a sede com água salgada” ou, digamos, “levar mangueira quando o problema é enchente” ou “querer apagar fogo com álcool”), o japonês evoca o sapo:

*Kaeru-no tsura-ni mizu*

*Água na cara do sapo*

“O sapo é muito popular em todo o arquipélago japonês; seu coxar anuncia o verão. É de senso comum dos moradores deste arquipélago que, se se jogar água na cara do sapo, não se vai afetá-lo em nada, uma vez que ele vive na água. Daí a metáfora do esforço inútil”.(pg.118)

O japonês tem um equivalente ao popularíssimo provérbio espanhol: “*Por si fuéramos pocos, parió la abuela*”

*Ashimoto-kara tori-ga tatsu*

*A ave revoa de perto do pé*

“Acontece o inesperado.” “Trata-se do surgimento de fatos inesperados, que se originam de um lugar muito próximo.” (pg.132)

*Kusai mono-niwa hae-ga takaru*

*As moscas enxameiam-se nas coisas fétidas*

*Muma-no mimi-ni kaze*

*Vento no ouvido do cavalo.*

“Asno não conhece música.”

“Este provérbio é a versão japonesa do chinês 馬耳東風 (cavalo, orelha, leste, vento). O vento do leste sopra na primavera em toda a extensão do Leste Asiático. Para o homem, a chegada da primavera é festejada, mas para o cavalo, nada significa. Portanto é metáfora da imperceptibilidade”. (pg.124)

## **Cão / Gato**

Como era de esperar, cão e gato são dois importantes animais na simbologia da cultura japonesa. Entre outras alusões (p. ex.: cão amigo e companheiro / gato arisco, selvagem), como nos provérbios “conjugados”:

*Inu wa mikka kaeba sannen on o wasurenu*

*Cuide de um cão por três dias e ele não esquecerá a bondade por três anos.*

*Neko wa sannen no on wo mikka de wasurenu*

*Cuide de um gato por três anos e ele esquecerá a bondade em três dias.*

A lealdade do cão permite o provérbio de contraste.

*Kai inu ni te o kamareru*

*Ter a mão mordida pelo cão da própria casa.*

Em outra interpretação, o cachorro remete-nos à figura do plebeu; o gato, ao aristocrata. Ademais, Tomimatsu afirma: “os comportamentos contrastantes desses animais, o cachorro agitado, circulando pelas ruas; e o gato, recolhido no seu abrigo, parecem simbolizar os espíritos contrastantes entre a tranquilidade de Kyoto (gato) e o dinamismo de Edo (cachorro)” (p. 219). Naturalmente, trata-se aqui da representação leste-oeste do Japão, no final do período Edo (meados do séc. XIX).

*Inu mo arukeba bô ni ataru*

*Cachorro que perambula encontra um pedaço de pau.*

Outros provérbios sobre o cão.

Para indicar o óbvio:

*Inu ga nishi mukya o wa higashi*

*Quando o cão vira para oeste, o rabo fica para leste.*

Alguns nos são familiares:

*Shippo o maku*

*Meter o rabo entre as pernas (submeter-se).*

*Shippo o furu*

*Abanar o rabo (adular).*

De duas pessoas que não se dão bem, em vez do nosso cão e gato, diz-se:

*Ken-en (inu to saro) nonaka*

*Como cão e macaco*

*Inu mo kwanai*

*Nem o cachorro come* (não se meter em situações altamente explosivas, como “briga de marido e mulher”, ou tolas “essa nem o cachorro engole”)

Ao contrário do cão, o gato não tem solicitude pelo próximo. Assim quando alguém está muito ocupado e necessitado de ajuda:

*Neko-no te-mo karitai*

*Quer ajuda até do gato.*

Mimar exageradamente uma pessoa é dar-lhe carinho como se fosse gato

*Neko kawaigari suru*

*Aquele carinho do gato.*

De quem tem língua sensível a comidas quentes, diz-se

*Nekojita*

*Língua de gato.*

O ronronar do gato significa voz insinuante, melíflua.

*Nekonadego*

*Ronronar.*

Quando alguém se comporta de modo muito diferente em um ambiente novo:

*Karite kita neko*

*Gato emprestado*

### **Outros animais**

*Saru-mo ki-kara otiru*

*Macaco também cai da árvore*

Mesmo um especialista pode errar.

*Yabu-wo tsutsuite hebi-wo dasu*

*Cutuque o arbusto e uma cobra dele sairá.*

Quem procura, acha.

*Hebi ga ka wo nondayou*

*É como se a cobra engolisse o pernilongo*

Algo insignificante, insatisfatório, “não dá nem pro cheiro”

*Uogokoro areba mizugokoro ari*

*Se há o coração do peixe, há o coração da água*

Refere-se a entidades relativas: uma só existe porque a outra existe.

### **O mushi**

Uma presença interessante em diversas expressões é a do *mushi*. O Japão, por ser um arquipélago, com quatro estações nitidamente distintas, tem pequenos animais como parte de sua paisagem. Desse fato, decorre a palavra *mushi*, de difícil tradução. *Mushi* são, por exemplo, vagalume, cigarra, caracol etc., aproximando-se de nossos “bichinhos” e, por vezes, ligado a estações. Muitas expressões estão ligadas a *mushi* e, por vezes, é-lhe atribuído parte importante na conduta humana, como substituto do temperamento, interesse etc. Desloca-se, assim, a responsabilidade da ação: não é propriamente a pessoa, mas um *mushi* que habita nela, o agente.

*Show-no mushi-wo korshite, dai-no mushi tasukeru*

*Matar um mushi pequeno para salvar um mushi grande*

De uma criança chorona, diz-se:

*Naki-mushi*

*Mushi que chora*

(ela traz dentro de si um bichinho do choro)

Do covarde diz-se:

*Yowa-mushi*

*Mushi fraco*

Para enfatizar o fato de que uma pessoa – subitamente ou não – se dedica intensamente a uma atividade, diz-se:

*Hon no mushi*

*Mushi do livro*

*Shigoto no mushi*

*Mushi do trabalho* (devotado totalmente ao trabalho)

*Gei no mushi*

*Mushi da arte* (dedicado para arte)

(em português há a expressão: “foi picado pela mosca...” – ...da política, dos concursos, do video-game, da vaidade etc.)

Uma pessoa apegada e que não desgruda de outra:

*Mushi ga tsuku*

*Grudou o mushi*

Em relação a uma pessoa que não nos cai bem:

*Mushi no sukanai yatsu*

*Meu mushi não gosta dele*

(Meu santo não combina com o dele)

Desde o Japão antigo, também a tristeza ou depressão tem sido atribuídas ao *mushi*:

Fusagi no mushi

O mushi se fechou

Quando a pessoa está de mau humor:

*Mushi no idokoro ga warui*

*O mushi está mal alojado*

Um palpite ou *insight*, que vêm sutilmente, é comparado a:

*Mushi no shirase*

*Aviso de mushi*

A presença do *mushi* em tantas expressões da língua, habitando as entranhas de cada ser humano e influenciando sua vida, constitui uma forma especial da significativa presença dos animais no cotidiano japonês.

## ANEXO

### Uma fábula sobre a fábula

Allah Hu Akbar! Allah Hu Akbar!

Deus criou a mulher e junto com ela criou a fantasia. Foi assim que uma vez a Verdade desejou conhecer um palácio por dentro e escolheu o mais suntuoso de todos, onde vivia o grande sultão Haroun Al-Raschid. Vestiu seu corpo apenas com um véu transparente e pouco depois chegou à porta do magnífico palácio. Assim que o guarda apareceu e viu aquela bela mulher sem nenhuma roupa, ficou desconcertado e perguntou quem ela era. E a Verdade respondeu com firmeza:

- Eu sou a Verdade e desejo encontrar-me com seu senhor, o sultão Haroun Al-Raschid.

O guarda entrou e foi falar com o grão-vizir. Inclinando-se diante dele, disse:

- Senhor, lá fora está uma mulher pedindo para falar com nosso sultão, mas ela só traz um véu completamente transparente cobrindo seu corpo.

- Quem é essa mulher? - perguntou o grão-vizir com viva curiosidade.

- Ela disse que se chama Verdade, senhor - respondeu o guarda. O grão-vizir arregalou os olhos e quase gaguejou:

- O quê? A Verdade em nosso palácio? De jeito nenhum, isso eu não posso permitir. Imagine o que ia ser de mim e de todos aqui se a Verdade aparecesse diante de nós? Estaríamos todos perdidos, sem exceção. Pode mandar essa mulher embora, imediatamente.

O guarda voltou e transmitiu à Verdade a resposta do seu superior. A Verdade teve que ir embora, muito triste.

Acontece que...

Deus criou a mulher e junto com ela criou a teimosia. A Verdade não se deu por vencida e foi procurar roupas para vestir. Cobriu-se dos pés à cabeça com peles grosseiras, deixando apenas o rosto de fora e foi direto, é claro, para o palácio do sultão Haroun Al-Raschid.

Quando o chefe da guarda abriu a porta e encontrou aquela mulher tão horrivelmente vestida, perguntou seu nome e o que ela queria.

Com voz severa ela respondeu:

- Sou a Acusação e exijo uma audiência com o grande senhor deste palácio.

Lá se foi o guarda falar com o grão-vizir e, ajoelhando-se diante dele, disse:

- Senhor, uma estranha mulher envolvida em vestes malcheirosas deseja falar com nosso sultão.

- Como é que ela se chama? - perguntou o grão-vizir.

- O nome dela é Acusação, Excelência.

O grão-vizir começou a tremer, morto de medo:

- Nem pensar. Já imaginou o que seria de mim, de todos aqui, se a Acusação entrasse nesse palácio? Estaríamos todos perdidos, sem exceção. Mande essa mulher embora imediatamente.

Outra vez a Verdade virou as costas e se foi tristemente pelo caminho. Ainda dessa vez ela não se deu por vencida.

E isso porque...

Deus criou a mulher e junto com ela criou o capricho.

A Verdade buscou pelo mundo as vestes mais lindas que pôde encontrar: veludos e brocados, bordados com fios de todas as cores do arco-íris. Enfeitou-se com magníficos colares de pedras preciosas, anéis, brincos e pulseiras do mais fino ouro e perfumou-se com essência de rosas. Cobriu o rosto com um véu bordado de fios de seda dourados e prateados e voltou, é claro, ao palácio do sultão Haroun Al-Raschid.

Quando o chefe da guarda viu aquela mulher deslumbrante como a Lua, perguntou quem ela era.

E ela respondeu, com voz doce e melodiosa:

- Eu sou a Fábula e gostaria muito de encontrar-me, se possível, com o sultão deste palácio.

O chefe da guarda foi correndo falar com o grão-vizir, até esqueceu de ajoelhar-se diante dele e foi logo dizendo:

- Senhor, está lá fora uma mulher tão linda, mas tão linda, que mais parece uma rainha. Ela deseja falar com nosso sultão.

Os olhos do grão-vizir brilharam:

- Como é que ela se chama?

- Se entendi bem, senhor, o nome dela é Fábula.

- O quê? - disse o grão-vizir, completamente encantado. - A Fábula quer entrar em nosso palácio? Mas que grande notícia! Para que ela seja recebida como merece, ordeno que cem escravas a esperem com presentes magníficos, flores perfumadas, danças e músicas festivas.

As portas do grande palácio de Bagdá se abriram graciosamente, e por elas finalmente a bela andarilha foi convidada a passar.

Foi desse modo que a Verdade, vestida de Fábula, conseguiu conhecer um grande palácio e encontrar-se com Haroun Al-Raschid, o mais fabuloso sultão de todos os tempos.

(MACHADO, Regina (compilado por). *O violino cigano e outros contos de mulheres fortes*. São Paulo: Companhia das letras, 2004)